

Tradução

a ea

Carta a Georges Izambard¹

Charleville, 13 de maio de 1871

Caro Senhor!

Ei-lo novamente professor. Devemo-nos à Sociedade, disse-me o senhor; o senhor faz parte dos corpos de ensino: o senhor vai no bom caminho. – Eu também, sigo o princípio: faço-me cinicamente *sustentar*; desenterto antigos imbecis do colégio: tudo o que posso inventar de idiota, de sujo, de ruim, em ação e em palavras, dou a eles: pagam-me em canecas e em moças. *Stat mater dolorosa, dum pendet filius.*² – Devo-me à Sociedade, está certo, – e tenho razão. – O senhor também, o senhor tem razão, por hoje. No fundo, o senhor só vê em seu princípio poesia subjetiva: sua obstinação em voltar à manjedoura universitária – perdão! – o prova. Mas o senhor sempre terminará como um satisfeito que nada fez, já que nada quis fazer. Sem contar que sua poesia subjetiva sempre será horrivelmente enfadonha. Um dia, espero – muitos outros esperam a mesma coisa –, verei em seu princípio a poesia objetiva – eu a verei mais sinceramente do que o senhor seria capaz! Serei um trabalhador: é essa a idéia que me retém quando as loucas cóleras me impelem para a batalha de Paris³, onde tantos trabalhadores ainda morrem enquanto lhe escrevo! Trabalhar agora, jamais, jamais; estou em greve.

Agora encrapulo-me o mais possível. Por quê? Quero ser poeta, e trabalho para tornar-me *vidente*: o senhor não compreenderá de modo algum, e eu quase não poderia explicar-lhe. Trata-se de chegar ao desconhecido pelo desregramento de *todos os sentidos*. Os sofrimentos são enormes, mas é preciso ser forte, ter nascido poeta, e eu me reconheci poeta. Não é absolutamente minha culpa. Está errado dizer: Eu penso. Deveríamos dizer: Pensam-me. Perdão pelo jogo de palavras.

EU é um outro. Azar da madeira que se descobre violino, e danem-se os inconscientes que discutem sobre o que ignoram completamente!

O senhor não é *professor* para mim. Dou-lhe isto: será sátira, como o senhor diria? Será poesia? É fantasia, ainda. – Porém, suplico-lhe, não sublinhe nem com lápis, nem demais com o pensamento:

CORAÇÃO SUPPLICIADO⁴

[...]

Isso quer dizer alguma coisa.

RESPONDA-ME, endereçando ao sr. Deverrière, para A. R.

Bom dia de coração,

Arthur Rimbaud

Carta a Paul Demeny⁵

Charleville, 15 de maio de 1871

Resolvi dar-lhe uma hora de literatura nova. Começo de imediato por um salmo atual:

CANTO DE GUERRA PARISIENSE⁶

[...]

– Agora um pouco de prosa sobre o futuro da poesia:

Toda poesia antiga termina na poesia grega, Vida harmoniosa. – Da Grécia ao movimento romântico, – idade média – há letrados, versificadores. De Ennius a Thérouldus, de Thérouldus a Casimir Delavigne, tudo é prosa rimada, um jogo, deformação e glória de inúmeras gerações idiotas: Racine é o puro, o forte, o grande. – Houvessem insuflado suas rimas, embaralhado seus hemistíquios, e o Divino Idiota⁷ seria hoje tão ignorado quanto o primeiro autor de *Origens*⁸. – Depois de Racine, o jogo embolorou. Durou dois mil anos!

Nem pilhéria nem paradoxo. A razão me inspira mais certezas sobre o tema do que, de raiva, poderia um dia ter um Jeune-France. De resto, os *novos* são livres para execrar seus antecessores: estamos em casa e temos tempo.

O romantismo jamais foi bem julgado. Quem o teria julgado? os críticos!! Os românticos? que provam tão bem que a canção poucas vezes tem a ver com a obra, isto é, com o pensamento cantado e *compreendido* pelo cantor?

Pois EU é um outro. Se o cobre desperta clarim, não é por sua culpa. Isso me é evidente: assisto à eclosão de meu pensamento; contemplo-o; escuto-o; faço um movimento com o arco: a sinfonia faz seu movimento no abismo, ou de um salto surge na cena.

Se os velhos imbecis não houvessem encontrado do Eu apenas a significação falsa, não teríamos que varrer estes milhões de esqueletos, que há um tempo infinito, acumularam os produtos de sua inteligência caolha, proclamando-se autores!

Na Grécia, eu disse, versos e líras *ritmam a Ação*. Depois, música e rimas são jogos, passatempos. O estudo desse passado encanta os curiosos: muitos se divertem renovando essas antiguidades: – isso é feito para eles. A inteligência universal sempre lançou suas idéias naturalmente; os homens reuniam uma parte desses frutos do cérebro: agia-se por eles, escreviam-se livros: essa era a marcha, uma vez que o homem não trabalhava a si mesmo, não havia ainda despertado, não estava ainda na plenitude do grande sonho. Funcionários, escritores: autor, criador, poeta, esse homem nunca existiu!

O primeiro estudo do homem que quer ser poeta é seu próprio conhecimento, completo; ele busca sua alma, investiga-a, tenta-a, aprende-a. Assim que a conhece, deve cultivá-la; *isso* parece simples: em qualquer cérebro se realiza um desenvolvimento natural; tantos *egoístas* se proclamam autores; e há outros que atribuem a si mesmos seu próprio progresso intelectual! – Mas trata-se de tornar a alma monstruosa: à maneira dos comprachicos⁹, ora! Imaginem um homem implantando e cultivando verrugas em seu próprio rosto.

Digo que é preciso ser *vidente*, fazer-se *vidente*.

O poeta se faz *vidente* por meio de um longo, imenso e estudado *desregramento* de *todos os sentidos*. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; ele busca por si mesmo, esgota em si todos os venenos, para guardar apenas suas quintessências. Inefável tortura em que ele precisa de toda a fé, de toda a força sobre-humana; em que ele se torna entre todos o grande doente, o grande criminoso, o grande maldito, – e o supremo Sábio! – Pois ele chega ao *desconhecido*! Já que cultivou sua alma, já rica, mais que qualquer outro! Ele chega ao desconhecido; e quando, enlouquecido, acabar perdendo a inteligência de suas visões, ele as viu! Que exploda em seu salto por entre as coisas inauditas e inomináveis: outros horríveis trabalhadores virão, e começarão pelos horizontes em que o outro se perdeu!

– a seqüência de seis minutos –

Aqui intercalo um segundo salmo, fora do texto: disponha um ouvido complacente, – e todos ficarão encantados. – Tenho o arco na mão, começo:

MINHAS POBRES NAMORADAS¹⁰

[...]

Aí está. E observe que se eu não temesse fazê-lo desembolsar mais de sessenta centavos de correio, – eu, pobre coitado que há sete meses não tive uma única moeda! – eu lhe ofereceria também ainda meus *Amantes de Paris*, cem hexâmetros, Senhor, e minha *Morte de Paris*, duzentos hexâmetros!¹¹

– Recomeço:

O poeta é, pois, realmente um ladrão de fogo.

É responsável pela humanidade, pelos próprios *animais*; ele deverá fazer com que se sintam, apalpem, ouçam suas invenções; se o que ele traz de longe tem forma, ele dá forma; se é informe, ele dá informe. Encontrar uma língua; – De resto, como toda palavra é idéia, chegará o tempo de uma linguagem universal! É preciso ser acadêmico, – mais morto do que um fóssil, – para completar um dicionário, qualquer que seja a língua. Os parvos começariam a *pensar* na primeira letra do alfabeto e poderiam rapidamente ser levados à loucura.

Essa língua será da alma para a alma, resumindo tudo, perfumes, sons, cores, pensamento enganchando pensamento e puxando. O poeta definiria

a quantidade de desconhecido que em sua época desperta na alma universal: ele daria mais – do que a fórmula de seu pensamento, do que a notação de sua marcha *para o Progresso!* Enormidade tornando-se norma, por todos absorvida, ele seria realmente *um multiplicador de progressos!*

Esse futuro será materialista, o senhor o vê; – Sempre plenos do *Número* e da *Harmonia*, esses poemas serão feitos para ficar. – No fundo, seria ainda um pouco a Poesia grega. A arte eterna teria suas funções; como os poetas são cidadãos. A Poesia não ritmará mais a ação; ela estará *adiante*.

Esses poetas serão! E quando tiver sido quebrada a servidão da mulher, quando ela viver para si e por si, o homem, – até aqui abominável – a despachará, e ela, também, será poeta! A mulher encontrará desconhecido! Seus mundos de idéias serão diferentes dos nossos? – Ela encontrará coisas estranhas, insondáveis, repugnantes, deliciosas; nós as tomaremos, nós as compreenderemos.

Enquanto esperamos, peçamos aos *poetas* o *novo*, – idéias e formas. Todos os hábeis logo acreditariam ter satisfeito essa exigência. – Não é isso!

Os primeiros românticos foram *videntes* sem se darem conta: a cultura de suas almas iniciou-se acidentalmente: locomotivas abandonadas mas ardentes, que seguem os trilhos durante algum tempo. – Lamartine é, às vezes, vidente, mas estrangulado pela forma velha. – Hugo, *teimoso demais*, viu muito nos últimos volumes: *Os miseráveis* é um verdadeiro poema. Tenho *Os castigos* sob as mãos: *Stella* dá relativamente bem a medida da *visão* de Hugo, Demasiado Belmontet e Lamennais, demasiados Jeovás e colunas, velhas enormidades arrasadas.

Musset é 14 vezes execrável para nós, gerações dolorosas e tomadas por visões, – como sua preguiça de anjo insultou! Oh! os contos e os provérbios enfadonhos! oh as noites! oh *Rolla*, oh *Namouna*, oh a *Taça!* Tudo é francês, quer dizer odioso ao grau supremo; francês, e não parisiense! Mais uma obra deste gênio odioso que inspirou Rabelais, Voltaire, Jean La Fontaine! comentado pelo sr. Taine! Primavera! o espírito de Musset! Encantador o seu amor! Aí está, pintura esmaltada, poesia sólida!

Durante muito tempo a poesia *francesa* será saboreada, mas na França. Qualquer menino de mercearia é capaz de desenrolar uma apóstrofe Rollaca, qualquer seminarista guarda quinhentas rimas no segredo de um caderno. Aos 15 anos, esses impulsos de paixão põem os jovens no cio; aos 16, eles já se contentam em recitá-los com *ardor*; aos 18 anos, mesmo aos 17, qualquer colegial que tem os meios faz o Rolla, escreve um Rolla! Talvez alguns ainda morram por isso. Musset nada soube fazer: havia visões por detrás do véu das cortinas: ele fechou os olhos. Francês, miserável, arrastado da bodega à carteira da escola, o belo morto está morto, e, doravante, não nos demos sequer ao trabalho de despertá-lo com nossas abominações!

Os segundos românticos são bastante *videntes*. Théophile Gautier, Leconte de Lisle, Théodore de Banville. Mas como inspecionar o invisível e ouvir o

inaudito não é a mesma coisa que retomar o espírito das coisas mortas, Baudelaire é o primeiro vidente, rei dos poetas, *um verdadeiro Deus*. Ele também, porém, viveu em um meio demasiado artista; e a forma nele tão exaltada é mesquinha: as invenções de desconhecido exigem formas novas.

Rompida com as formas velhas, entre os inocentes, A. Renaud – fez seu Rolla; L. Grandet, – fez seu Rolla; os gauleses e os Musset, G. Lafenestre, Coran, Cl. Popelin, Souly, L. Salles; os escolares, Marc, Aicard, Theuriet; os mortos e os imbecis, Autran, Barbier, L. Pichat, Lemoyne, os Deschamps, os Desessarts; os jornalistas, L. Cladel, Robert Luzarches, X. de Ricard; os fantasistas, C. Mendès; os boêmios; as mulheres; os talentos, Léon Dierx, Sully-Prudhomme, Coppée, – a nova escola, dita parnasiana, tem dois videntes, Albert Mérat e Paul Verlaine, um verdadeiro poeta. – Aí está¹². – Assim trabalho para tornar-me *vidente*. – E terminemos com um canto piedoso.

AGACHAMENTOS¹³

[...]

O senhor seria execrável se não respondesse: rapidamente, pois em oito dias estarei em Paris, talvez.

Até logo,

Arthur Rimbaud

Tradução

Marcelo Jacques de Moraes [UFRJ]

Notas

¹ N. do T. Professor de retórica de Rimbaud, de janeiro a julho de 1870. Torna-se guia e amigo do poeta.

² N. do T. A mãe está de pé, aflita, enquanto o filho pende da cruz. Passagem da liturgia.

³ N. do T. Alusão aos combates da Comuna de Paris.

⁴ N. do T. Rimbaud transcreverá nestas cartas alguns poemas, mais tarde publicados. Remetemos o leitor à edição brasileira bilíngüe preparada em 1995 por Ivo Barroso. Esse poema será depois conhecido como “Coração roubado” [“Coeur volé”] (Em: Rimbaud, Arthur. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995:152-3).

⁵ N. do T. Jovem poeta, amigo de Izambard, a quem Rimbaud oferece seus primeiros poemas.

⁶ Em: Rimbaud, Arthur. *Poesia completa*. Ob. cit.:132-5.

⁷ N. do T. Assim Racine era chamado pelos Jeunes-France, românticos intransigentes ironizados por Théophile Gautier em seu romance *Les Jeunes-France*, de 1833.

⁸ N. do T. Assim começam muitos títulos de livro nesta época.

⁹ N. do T. Em *L'Homme qui rit*, de Victor Hugo, os ladrões de crianças que as mutilam e exibem em feiras.

¹⁰ Em: Rimbaud, Arthur *Poesia completa*. Ob. cit.:136-9.

¹¹ N. do T. Os dois poemas são desconhecidos.

¹² N. do T. Rimbaud lista uma série de poetas então conhecidos, quase todos parnasianos.

¹³ Em: Rimbaud, Arthur. *Poesia completa*. Ob. cit.:140-3.